

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valéria Cândida Henriques Lança

O CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte
2012

Valéria Cândida Henriques Lança

O CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Starling Bosco

Belo Horizonte

2012

Valéria Cândida Henriques Lança

O CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação de Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Cláudia Starling Bosco

Aprovado em 14 de julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Claudia Starling Bosco – Faculdade de Educação

Maria Flor de Maio Barbosa Benfica – Faculdade de Educação

AGRADECIMENTOS

A DEUS pelo cuidado, por ter me carregado no colo nos dias que eu não sabia para onde caminhar.

Ao meu esposo, cúmplice e insistente em me fazer feliz e em uma pessoa melhor, ao seu amor incondicional...

As minhas filhas Elise e Sophie, pela compreensão da minha ausência.

A minha orientadora Cláudia Starling, pela paciência, “jogo de cintura”, mensagens de encorajamento e muito bom humor, valeu o carinho!

RESUMO

Este plano de ação enfatizou o trabalho como cordel como estratégia de desenvolvimento da oralidade em uma turma da Educação Infantil. O cordel, considerado como uma história cantada é um gênero tipicamente relacionado à oralidade está vinculado a uma tradição histórica do nosso país. Criar estratégias que possibilitem ao professor trabalhar com histórias tradicionais cantadas a fim de desenvolver a linguagem oral, foi um dos objetivos. Para isso, utilizamos os estudos de GALVÃO (2006) sobre a literatura de cordel, os estudos da linguagem de SOARES (1989), MARTINS (2008), ANTUNES (2003), os estudos de KAERCHER (2001) sobre o faz de conta, dentre outros. Os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (1998) e as Proposições Curriculares da Educação Infantil da PBH (2009) foram essenciais para embasar este trabalho. Os resultados demonstram que as crianças apresentaram maior interesse pela literatura e pelo reconto de histórias, utilizando para isso, várias estratégias como encenação, mudança de voz e musicalização.

Palavras-chave: Cordel. Educação infantil. Oralidade.

ABSTRACT

This plan of action emphasized working with the twine as a development strategy of orality in early childhood education. The twine, considered as a story sung, is a genre typically related to orality and is linked to a historical tradition of our country. Create strategies that allow the teacher to work with traditional stories sung to develop oral language, was one of the goals. For this, we use studies of GALVÃO(2006) on the string literature, language studies of SOARES(1989), MARTINS(2008), ANTUNES(2003) and KAERCHER(2001) on the "Pretending" among others. The Benchmarks Curriculum Early Childhood Education (1998) and Early Childhood Education Curriculum Proposals (2009) were essential to support this work. The results show that the children showed greater interest in the retelling of stories, using for this, some strategies such as staging and musicality.

Keywords: Twine. Early childhood. Orality.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	07
2- O CONTEXTO ONDE O TRABALHO FOI DESENVOLVIDO.....	09
3- A ORIGEM E A IMPORTÂNCIA DO CORDEL.....	13
4- A EDUCAÇÃO INFANTIL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	16
5- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO.....	19
5.1- A história como ponto de partida.....	20
6- OBJETIVOS.....	22
6.1- Objetivo geral.....	22
6.2- Objetivos específicos.....	22
7- DESENVOLVIMENTO.....	23
8- COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES REALIZADAS.....	26
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERENCIAS.....	28
ANEXO.....	30

1- INTRODUÇÃO

A Educação Infantil requer olhares atentos e perspicazes para as possibilidades que ela oferece num percurso ainda em construção e consolidação. Requer dinamismo para aproveitar as oportunidades que a criança oferece informando-nos do que ela apreende no seu cotidiano seja escolar ou familiar já que são os contextos mais próximos de sua vivência.

O presente plano de ação foi elaborado e desenvolvido entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012, na Escola Municipal Aires da Mata Machado, considerada como escola Pólo da UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), com a intenção de elaborar propostas de trabalho sobre o cordel, a fim de desenvolver a oralidade, possibilitando que as crianças pudessem apropriar-se de alguns dispositivos que o cordel dispõe para contar suas histórias.

Nessa perspectiva, a literatura de cordel apresenta a possibilidade de promover um intercâmbio entre os caminhos da oralidade através de recitais de poesias, de histórias contadas, cantados e encenados e pelas crianças.

As diversas formas de expressão seja escrita ou falada nos possibilita as mais variadas maneiras de comunicação. Aproveitando o que temos de melhor no folclore brasileiro, antes pouco conhecido por determinadas regiões do país, agora usada como estratégia de incentivo a leitura, o cordel tem encantado tanto alunos quanto professores que viram nessa ferramenta um novo recurso a fim estimular as crianças numa jornada fascinante de conhecimento e lirismo.

Entendemos que a linguagem oral é a grande ferramenta de comunicação das crianças que levam a aprendizagem da leitura e escrita. Nascemos cercados em meio a linguagem, em palavras, expressões, discursos, pessoas falam conosco e sobre nós, falamos, ouvimos e neste movimento, vamos aprendendo a falar e depois a escrever. São praticas discursivas orais que tornam o texto escrito significativo para as crianças (GOULART, 2011, p.63).

A hora da história é um momento mágico do ponto de vista lúdico, mas obrigatório na programação da Educação Infantil. Saber ouvir é uma das condições fundamentais na aprendizagem, a contação de história permite aprimorar essa capacidade da criança a fim de estimulá-la a acompanhar uma sequência da narrativa bem como apurar a compreensão do enredo. Contar histórias é alegria, é

prazer, é dar vida aos personagens, provoca encantamento e até mesmo relaxamento, além de enriquecer o vocabulário. A contação de história deve proporcionar prazer para quem conta e prazer para quem ouve. Para otimizar o processo, o professor deve ser cuidadoso ao escolher a história pois ela deve ser interessante aos seus alunos, para tanto é necessário que também se conheça a criança.

2- CONTEXTO ONDE O TRABALHO FOI DESENVOLVIDO

Este trabalho foi desenvolvido em uma turma da Educação Infantil, na UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) localizada no bairro Jatobá IV, que faz parte da Regional Barreiro, no município de Belo Horizonte/MG.

A instituição funciona como um núcleo da Escola Municipal Aires da Mata Machado, na mesma região, localizada em endereços diferentes. Ambas possuem a mesma direção, entretanto com vice-diretoras distintas, uma para cada unidade. A UMEI Jatobá IV conta ainda com duas coordenadoras pedagógicas, cada uma atuando em um determinado turno.

A UMEI encontra-se instalada em um prédio provisório alugado pela PBH até que a reforma da antiga sede seja restaurada. Atualmente, a Educação Infantil atende turmas do 1º ciclo (1 e 2 anos) e do 2º ciclo (3, 4 e 5 anos), não tendo espaço para o atendimento ao berçário.

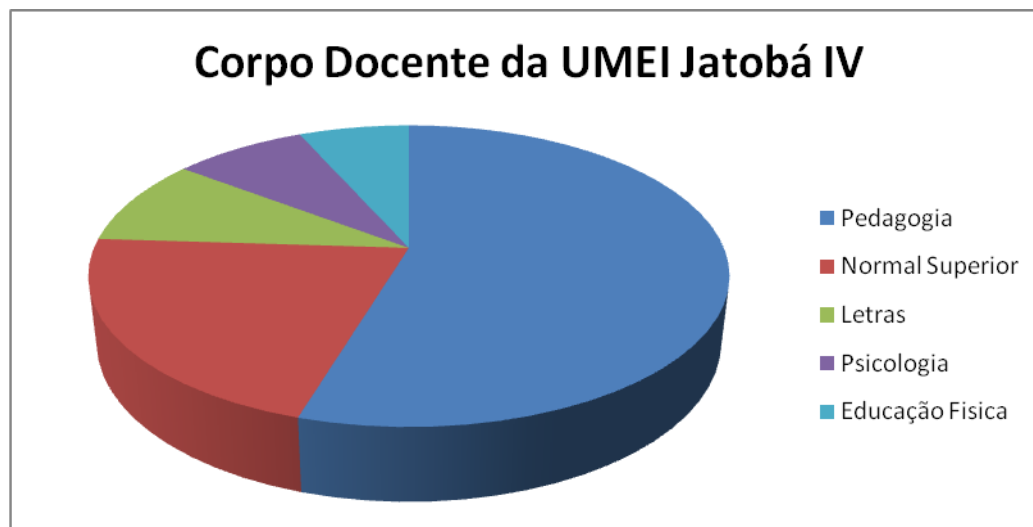
O espaço é seccionado por salas com banheiros e janelas gradeadas, uma secretaria com divisórias para funcionamento de uma pequena biblioteca e salas de reuniões. No segundo piso funciona o refeitório, a cozinha e a área de lazer com brinquedos de plástico, som e televisão. Por ser um espaço provisório e adaptado, dispõe de pouco conforto para o trabalho com as crianças.

Em relação à materialidade, a escola encontra-se equipada com aparelhos de TV (instalados provisoriamente em locais móveis), aparelhos de som portáteis, DVD's, aparelhos de som profissional com microfones sem fio, filmadora, máquinas fotográficas, projetor, *netbook*, máquina Xerox, microcomputadores, impressoras, materiais escolares, pedagógicos e de escritório que encontram-se à disposição de funcionários e professoras.

Para oferecer o 1º e 2º ciclos completos da Educação Infantil a escola conta com vinte e cinco educadoras em seu quadro pedagógico, organizadas por turno, uma professora por sala no 2º ciclo mais um apoio para 3, 4 e 5 anos. Já o 1º ciclo conta com duas professoras mais um apoio respectivamente que auxilia nos projetos pedagógicos.

Todas as professoras da Educação Infantil são graduadas nas mais diversas áreas das ciências humanas, algumas com curso de pós-graduação, concluídos ou em conclusão e um cursando o mestrado, como mostrado a seguir:

Gráfico 1 -



Fonte: Dados da Pesquisa

Administrativamente, há duas secretárias, uma por desvio de função no turno vespertino e outra no turno matutino. A escola também conta em seu quadro funcional com três cantineiras e três auxiliares de serviços gerais de horário integral, dois porteiros e dois vigias noturnos todos contratados pela caixa escolar.

A UMEI Jatobá IV está localizada num bairro específico, o Vale do Jatobá, mas atende crianças das comunidades vizinhas como Vila Santa Rita, Mangueiras, Santa Cecília e outros, pois há uma demanda muito grande nessa região, mesmo com toda a dificuldade de espaço e acesso, a escola é referência, no local, por seu atendimento, trabalho pedagógico e social sendo reconhecido por pais e familiares que ali depositam suas expectativas e anseios em relação a educação das suas crianças.

A clientela da UMEI Jatobá IV não difere de tantas outras da periferia de Belo Horizonte, é uma comunidade carente econômica e socialmente, vulnerável devido à violência que está muito próxima até mesmo das nossas crianças (casos de violência doméstica). O que muitas vezes reflete em sala de aula, porém a escola procura estreitar laços com a comunidade através de um relacionamento humano e pedagógico proporcionando oportunidades de socialização como palestras com psicólogos, passeios com a família, cursos de artesanato e outros, sempre visando uma maior interação entre família e escola. Embora a comunidade não participe efetivamente nas atividades regulares da escola, tendo sempre um número pequeno

e costumeiro de pais, ainda sim, acredita-se na importância do papel social democrático que a instituição busca efetivar.

O trabalho foi realizado em uma turma de crianças de aproximadamente quatro anos de idade. O mesmo foi desenvolvido juntamente a professora regente da turma, devido ao seu envolvimento com a contação de histórias, já que ela possuía uma prática pedagógica voltada ao trabalho com a literatura. Ela também acompanhou a turma desde o início da chegada das crianças a escola, quando estas tinham apenas um ano de idade. Ela graduou-se em Letras e desenvolve um trabalho na educação infantil permeado de atividades que proporcionam um resgate a essência da criança, a oralidade. A educadora se reporta à sua turma como grande incentivadora de jogos corporais em que a música e a contação de história estão presentes a todo instante, motivando-os a novas aventuras da língua falada.

Percebe-se a existência de um laço afetivo de professora e crianças, havendo uma sinergia muito forte construída ao longo dos anos. As crianças demonstram grande cordialidade e carinho pela professora.

A turma era composta por dezenove crianças, entre as idades de quatro a cinco anos, oito meninas e onze meninos, incluindo uma menina, diagnosticada como autista, que era acompanhada constante por uma estagiária. Essa criança merece destaque nesse trabalho, pois seu quadro de socialização com os colegas desenvolveu-se de maneira significativa.

O perfil da turma é bem diversificado em relação às demais. É considerada pelos professores, como uma turma muito falante e alegre, até mesmo como barulhenta, o que muitas vezes passa a ser considerado como aspectos negativos. Os alunos comparecem à escola com regularidade, percebendo poucas ausências.

A turma possuía uma prática constante de roda de conversa, sendo que a todo instante a professora contava histórias a fim de estimular a oralidade e a imaginação das crianças, permitindo a elas recontar a mesma história com outros finais, felizes ou não.

Alguns pais dessas crianças não participam ativamente das atividades propostas pela escola, como reuniões de turma ou eventos sociais, o que impede uma maior aproximação com o trabalho que é realizado na sala de aula.

Diante deste contexto diversificado, este plano de ação foi desenvolvido levando em consideração as especificidades da turma, das crianças, da escola, dos pais e do tema escolhido.

3- A ORIGEM E A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel originou-se do romanceiro popular português e começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos portugueses. A partir do século XIX o romanceiro nordestino tornou-se independente, com características próprias, o nome surgiu a partir de um cordel ou barbante em que os folhetos eram pendurados em exposição. Na origem, a literatura de cordel se liga a divulgação de histórias tradicionais, narrativas de épocas passadas que a memória popular conservou e transmitiu. Essas narrativas atribuem-se a categoria de romances de cavalaria, amor, guerras, viagens ou conquistas marítimas. Mais tarde apareceu o mesmo tipo de descrição de fatos recentes e de acontecimentos sociais contemporâneos que prendiam a atenção da população.

No Brasil, indiscutivelmente, a literatura de cordel nos chegou através dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou “manuscritos”. Só mais tarde com o aparecimento das tipografias, fins do século passado a literatura de cordel estabeleceu raízes sobretudo no Nordeste justamente para provar que é uma literatura bem popular, surgem também os repentistas, que criam letras na hora de acordo com o pedido da platéia que lhes dão o tema do assunto, os cantadores geralmente cantam em dupla, no momento muitas vezes são revelados escândalos familiares, sociais e políticos que nos últimos anos têm nos castigados.

O cordel ainda desconhecido por muitos têm despertado algumas pessoas das mais diferentes classes sociais ou formações acadêmicas para exposição de trabalhos ou introdução de disciplinas pedagógicas. Graças a vontade de fazer-se algo diferente o cordel tem rompido barreiras que antes pareciam intransponíveis para ocupar espaços que está sendo invadido por coisas que não são características do nosso país.

Os folhetos de cordel brasileiros poeticamente estruturados têm a sextilha como estrofe básica é ilustrada com xilogravura (arte de gravar em madeira – é de provável origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI) clichês de cartões postais, fotografias, desenhos e outras composições gráficas e oferecem farto material para pesquisas possibilitando várias interpretações que remetem para o contexto sócio cultural em que se inserem cada texto.

Segundo GALVÃO, a história da “literatura de cordel” assim denominada:

[...] foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a partir de um tipo de literatura semelhante encontrado em Portugal. (Câmara Cascudo,1988 apud Galvão,2006) ainda situa na década de 60 a difusão dessa denominação no país para se referir aos “folhetos impressos” no território brasileiro, até então somente para o caso português. Em 1953, em Cinco Livros do Povo (CASCUDO,1994), o autor afirma que “as brochurinhas em versos”, encontradas então no Brasil, eram denominadas “folhetos” [...] refere-se, então, ao título português “literatura de cordel”, justificado pelo fato de os livros serem postos à venda “cavalgando um barbante”, como segundo ele, acontecia em algumas partes do Brasil”(GALVÃO, 2006 p. 27)

Como se sabe esta riquíssima e sugestiva expressão literária popular, que encontrou campo fértil no nordeste brasileiro, só pode ser bem compreendido dentro de um contexto cultural mais amplo, envolvendo suas origens européias ou orientais, até a produção atual, de forma a obter uma visão mais ampla dos seus temas e expressões pelas quais vem passando em nível de estruturação da narrativa.

A exposição de folhetos ou livrinhos pendurados em barbantes ou cordões pelos vendedores de rua nomeou tal arte em literatura de cordel, geralmente confeccionados nos tamanhos onze por quinze centímetros ou na versão de onze por dezessete centímetros e de papel de baixa qualidade. Atualmente, ainda o mesmo formato pode ser encontrado em outros tamanhos, quanto à impressão substituindo a tipografia do passado, encontramos fotocópias e é comum vendedores colocá-los em cima de caixotes ou esteiras nas calçadas em feiras semanais. A literatura de cordel está dividida em três tipos: folhetos que contenham quatro, oito ou dezesseis páginas para romances e de trinta e dois a quarenta e oito páginas para histórias.

De um modo geral, sua apresentação gráfica é bastante modesta, pois o preço é baixo, uma vez que se destina às camadas mais baixas da população. O vendedor costuma ler em voz alta o conteúdo do livro para depois oferecê-lo aos prováveis compradores, os temas desses versos aparecem em prosa ou em versos.

As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para o outro, aproximando as pessoas. Reproduziam histórias, inventando casos, improvisos,repentes, desafios e pelepas entre cantadores.(GALVÃO, 2006, P.31)

Após algumas investigações sobre a literatura de cordel, observou-se que muitos professores do ensino fundamental pelo Brasil a fora utiliza dessa ferramenta para incrementar suas aulas de português ou até mesmo para incentivar a leitura

aos seus alunos. Assim relata uma professora do nordeste que começou estudar o cordel com seus alunos apenas para resgatar a memória cultural de sua região, mas percebeu que através desse processo houve um interesse coletivo e fazer cordel até os alunos mais tímidos queriam participar criando e inventando casos e histórias.

Em outras pesquisas também, percebemos que alguns livros didáticos já exploram a literatura de cordel a fim de não só de exemplificar um símbolo do folclore brasileiro, mas como recurso de leitura e escrita. Hoje, a literatura de cordel saiu das ruas, passou pelos livros e chegou às escolas. Por meio de um projeto idealizado pelo cordelista Arievaldo Viana assim como ele, crianças são alfabetizadas através do uso do cordel. Segundo ele, foi alfabetizado pela literatura de cordel em 1973 com folhetos que eram a única fonte de leitura disponível, primeiro ele decorava os versos lidos pela avó, depois a mesma ensinava-o identificar as letras e formar as palavras.

4- A EDUCAÇÃO INFANTIL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Durante muito tempo, a educação da criança era delegada exclusivamente à família ou grupo social ao que ela pertencia. Durante um bom período da humanidade, não houve melhor instituição para cuidar dos filhos senão a própria família. Devido aos novos rumos da história, as maneiras de pensar das sociedades também tomaram outros percursos tornando assim necessário uma nova dinâmica para atender os pequeninos, de forma que a educação infantil que contemplamos hoje só pode ser idealizada após uma complexa linha de estudos e uma demanda cada vez maior das famílias hoje economicamente ativas. Para isso foi necessário o entendimento de uma cultura comum que compõe as proposições curriculares pressupõe conhecimentos escolares socialmente construídos, parte de uma herança social e cultural, a que todo educando tem direito para que se compreenda o contexto histórico, político, econômico, social, cultural das diversas sociedades em seus tempos e espaços, exercendo a plena cidadania. Portanto, a cultura comum que está organizada nestas proposições curriculares é a tradução dos conhecimentos a que as crianças têm direito numa educação de direitos. As crianças que recebemos já trazem suas identidades, linguagens, práticas impregnadas de suas respectivas culturas, classe, raça, do campo, ou urbano e até mesmo da periferia, para tanto é papel da instituição de ensino proporcionar a essa criança possibilidades de acesso a vários patamares de conhecimento para propiciar sua inserção no mundo.

As Proposições Curriculares da Educação Infantil institui assegurar à criança, visa garantir o direito de acesso a conhecimentos construídos socialmente e conhecimentos disciplinares, no que diz respeito a educação infantil outros saberes são essencialmente relevantes como os diversos tipos de linguagem e seu desenvolvimento de capacidades e habilidades.

Desde cedo os bebês são permeados de sons, o que muitas vezes lhes permitem articular alguns sons, balbucios que lhes dão prazer e vontade de se comunicarem. Os adultos ou crianças mais velhas estabelecem uma comunicação com essa emissão de sons. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação dos sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam se comunicar. As brincadeiras e interações que se estabelecem entre os

bebês e adultos incorporam vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo.

A linguagem falada vai além, pois, a comunicação acontece por meios de gestos, sinais e linguagem corporal que dão significado e apóiam a linguagem oral das crianças. A criança consegue verbalizar através da apropriação da fala do outro, isso se dá através da repetição imitação. Antes mesmo de se expressarem pela linguagem oral as crianças podem se fazer compreender e compreender os outros, pois a competência lingüística abrange tanto a capacidade das crianças para compreenderem a linguagem quanto a capacidade para se fazerem entender. Nas brincadeiras de faz de conta de falar ao telefone tentam imitar as expressões e entonações que elas apreendem dos adultos. Gradualmente elas separam e reúnem em suas brincadeiras fragmentos de frases, usando como recurso as músicas, rimas, parlendas e jogos verbais por elas inventados, assim como alteram seus próprios nomes ou até mesmo seus estilos (como andar e vestir). No seu mundo de faz de conta as crianças imitam o que ouvem. A ampliação das capacidades de comunicação oral ocorre gradualmente através de um processo que permite um jogo de vai e vem que envolve tanto a participação das crianças nas rodas de conversas diárias como em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras.

Nas sociedades letradas, as crianças, desde cedo vivenciam um ambiente de linguagem escrita. Diante de um ambiente de letramento, as crianças podem questionar “o que está escrito aqui?” ou “o que isto quer dizer?”, sinalizando sua reflexão sobre a função e o significado da escrita, ao perceber que ela representa algo.

Constata-se que desde muito pequenas, as crianças podem usar o lápis e o papel para imprimir marcas, imitando a escrita dos adultos, assim como utilizam-se de livros, revistas, jornais, gibis, rótulos e etc. para ler o que está escrito. É comum observar-se crianças muito pequenas, que têm contato com material escrito, folhear livros e emitir sons e fazer gestos como se estivessem lendo (RCNEI, 1998, p.128 v.3).

As proposições curriculares da educação infantil ao elaborar um documento que vislumbresse quais os saberes e fazeres aplicáveis à educação infantil, sistematizou possibilidades de tornar essa criança um ser autônomo, conhecedor de mundo e um cidadão. Para isso formulou a partir das observações práticas do

cotidiano escolar infantil, estratégias para aprimorar a qualidade de ensino infantil. É um documento que funciona como uma espécie de “bula” para muitos educadores que a cada dia tenta se adequar a novas tecnologias inserindo essas crianças nesse novo e contemporâneo contexto escolar. Deparamos-nos com informações importantes para o desenvolvimento de várias linguagens antes conhecidas apenas empiricamente, como linguagens orais e escrita, tecnológica e plástica visual. A importância do trabalho da linguagem oral na educação infantil é salientada no documento (PCEI), pois ao entrar no mundo oralizado desde o nascimento, a criança se depara com um ambiente que se faz necessário a comunicação.

Aprender a falar não consiste apenas em memorizar sons e palavras [...] A construção da linguagem oral não é linear ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio, etc. (RCNEI, 1998, p.126)

Segundo Marcushi, o homem é um ser que fala, pois, é uma atividade que é muito mais realizada que a escrita, todavia as instituições escolares enfatizam o inverso em relação à escrita. A oralidade e escrita estão intimamente relacionadas, pois torna possível fortalecer a pessoa que a criança já é, confirmando assim o que ela já sabe, os conhecimentos que já possui e abrindo caminhos para o novo (GOULART, 2011 p.60).

5- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO

Segundo Antunes, a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto conta com a participação efetiva do leitor na interpretação e reconstrução do significado e das intenções almejadas pelo autor. A atividade de leitura favorece primeiramente, a ampliação dos repertórios de informação do leitor, ou seja, o leitor pode apropriar-se de novos conceitos, novas idéias e informações acerca de coisas ou pessoas ou acontecimentos de um modo geral. Na educação infantil isso está implícito quando aprendemos por meio das experiências concretas e daquelas que tomamos conhecimento através de histórias. As vezes na educação infantil esquecemos como é importante saber ouvir e contar histórias. Quem de nós enquanto pequeninos não se lembra de histórias de fadas, princesas e príncipes, reis e rainhas, bosques encantados, aventuras, animais alados, que por alguns instantes éramos os protagonistas das histórias, era um momento de partilha (um conta o outro ouve) (KAERCHER, 2001).

Durante muitas décadas, não se percebia a relação entre alfabetização, processo de ensinar/aprender a ler e a escrever, e acesso à literatura, à leitura de livros de literatura infantil, pela criança na fase inicial desse processo (SOARES, 2011.P.13). A compreensão da leitura literária na educação infantil não só permite às crianças uma alternativa de lazer e prazer como também torna o mundo e a vida mais fáceis de entender, permitindo desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de significado de textos. Revelam assim outros mundos outras vidas; a fantasia, o imaginário na literatura infantil tem papel e função valiosos no processo de amadurecimento emocional da criança; a leitura literária permite a criança acesso ao mundo das fábulas, fadas, de poemas que compõe a cultura ocidental.

Durante muitas décadas, acreditou-se que a criança deveria aprender primeiro a ler para só depois realmente ler, determinava-se que a idade correta era aos sete anos, quando se começava a escolarização. Então, novas teorias pedagógicas e psicológicas, entre estas, principalmente teorias psicolingüísticas, evidenciaram que mesmo antes das crianças chegarem às instituições educativas, ainda que regiões urbanas ou até mesmo camadas sociais privilegiadas. Assim, desde muito cedo a criança também convive com *práticas de letramento* – vê

pessoas lendo ou escrevendo, folheia gibis, revistas, livros identificam a escrita nas ruas, no comércio e então vai se familiarizando com as práticas de leitura e escrita. Pode-se dizer que a alfabetização e letramento são processos contínuos que começam quando a criança nasce numa sociedade letrada. Todavia é um equívoco pensar que há uma idade determinada para se alfabetizar metódica e sistematicamente, sabe-se porém que essa trajetória não coincide com a trajetória cronológica, tanto é que em entrada das crianças nas escolas varia de país para país. Não demora muito o ensino fundamental no Brasil iniciará aos quatro anos de idade. Além dos livros que dão suporte ao processo de alfabetização há também os livros de literatura infantil que, destinados a faixa etária em que ocorre a alfabetização, colaboram não propriamente para ler, mas para inseri-las no mundo das narrativas, dos poemas, desenvolvendo nelas o letramento literário.

A alfabetização e letramento não podem deixar de incluir os livros de literatura infantil nessa fase de processo simultâneo: “é assim que se alfabetiza letrando e se letra alfabetizando” (SOARES, 2011, p.29).

5.1- A história como ponto de partida

A hora da história deve propiciar um momento mágico para a criança que ouve, se for lida, contada ou *cantada* (grifo meu) com simpatia e entusiasmo. O professor deve estar consciente da atividade que vai desenvolver a fim de envolver o ambiente com autoestima, criatividade e construção de valores éticos, respeito e cooperação entre os alunos, além de despertar o interesse pela literatura apresentada. A leitura novelística também é um ótimo recurso para o professor, que aproveitando o interesse das crianças por uma obra, um autor ou algum acontecimento social significativo como um bom motivo para ler. As próprias crianças elegem seus gêneros favoritos, a partir daí é fácil elaborar um leque de possibilidades para o professor aproveitar o entusiasmo e elaborar as atividades como: fazer o reconto da história utilizando fantoches; fazer o reconto utilizando microfone e espelho; fazer o reconto coletivo; caracterizar oral ou por escrito os personagens da história; cantar, recitar, músicas e poemas cujo conteúdo pode ser relacionado à história e mudar o foco da narrativa. Sem contar que é muito

importante ler em voz alta para as crianças, a fim de habituá-los a ouvir a linguagem escrita. Nas rodas de conversas sugere-se que todos os dias as crianças ouçam historia para que se efetive o hábito de ler e ouvir.

6- OBJETIVOS

6.1- Objetivo geral

Ampliar o acervo de possibilidades de contação de histórias a partir da apropriação de um recurso classificado como folclórico e de tradição, o cordel.

6.2- Objetivos específicos

- Expressar histórias de varias formas a fim de que as crianças consigam perceber que o mesmo enredo pode ser contado diferente;
- Propiciar às crianças uma roda de conversa mais interativa;
- Estimular a oralidade através de recursos de entonação de voz, musicalidade e dramaticidade;
- Reconhecer os avanços da oralidade durante a proposta do plano de ação.

7- DESENVOLVIMENTO

Ainda no ano de 2011, quando a novela global “O Cordel Encantado” estava no ápice dos piques de audiência e as crianças acompanhando seus pais no quesito “programa de família”, pensou-se em aproveitar o conto de fadas ou histórias infantis já conhecidas pelas crianças aproximando-as da manifestação cultural que é o próprio cordel. Para as crianças da educação infantil (três anos na época), a teorização do cordel não era tão relevante como contar histórias infantis de uma forma diferente, cantada em versos. Aproveitando a curiosidade dos pequenos em relação ao que era um cordel adaptamos uma das histórias favoritas dos mesmos num formato diferente.

Levando em consideração os objetivos propostos nesse trabalho foram elaboradas e desenvolvidas quatro etapas, denominadas de: Roda de História; Sessão de Filme; Repente e Recital de Poesias.

Iremos, a seguir, descrever as etapas do trabalho, enfatizando alguns objetivos e caracterizando o desenvolvimento das atividades realizadas na sala de aula junto às crianças.

Depois de geradas as expectativas de como seria essa nova cotação de história, as crianças foram convidadas a se assentarem em volta da educadora e falarem qual a história que mais gostavam, quase por unanimidade elegeram “Os três porquinhos”. Desde o início do ano percebeu-se a fascinação que esse conto exercia sobre elas. Quando questionados sobre o que mais gostaram na história? Eles respondiam: - “A hora que o lobo caiu no caldeirão”- traduzindo, a hora que ele se deu mal. Percebendo o senso de justiça das crianças, juntamente com a professora regente e aceitando a sugestão da mesma, selecionamos outras histórias de lobo como, por exemplo, “Chapeuzinho Vermelho”, “Os Sete Cabritinhos”, “Os Três Lobinhos” e a “Outra história do Lobo”. Por motivo de força maior, não possível um planejamento rígido de contação de história, por não ser a minha turma, as minhas visitas ocorria quando não faltavam educadores da minha sala e quando não havia paralisações ou licenças. Independente dessa situação, a professora regente seguia com as suas aulas normalmente, que consistia em desenhar a história e fazer um reconto. A maioria da turma participava efetivamente.

Na etapa seguinte foi sugerida a professora que assistíssemos desenhos das histórias que contamos os que tivéssemos acesso, é claro. Então um dia por semana, assistíamos um desenho diferente em que tivesse um lobo. A idéia era promover uma discussão sobre o que eles achavam do desenho, se era aquilo mesmo que eles achavam que havia acontecido, algumas vezes registramos através de desenhos, outras vezes, não.

A diretora percebendo nosso envolvimento nessa temática abraçou a causa e convidou-nos a participar de um recital de poesia, onde as demais turmas apresentariam um número de poesia ou poema, musica e contação de história. Percebemos que não seria apenas explorar a oralidade dentro da sala da turma de quatro anos, estava tornando outras proporções. Então partimos para a outra etapa...

E assim aconteceu o momento em que apresentaríamos as crianças uma nova maneira de *ouvir* histórias. Ainda sem muito dominar a mudança e entonação de voz, juntamente com outra professora (minha companheira da turma de dois anos), invadimos a turma de quatro anos com pandeiro e triangulo, e um livro “Os três porquinhos em cordel”. Com versos lidos e longos, logo as crianças perceberam do que estávamos falando, de quem estávamos cantando. Apesar de não termos terminado a historia, pelo fato de não estar decorado, prometemos retornar o mais rápido possível. E assim começou a festa do cordel na sala, que também levamos para turma de dois anos de forma mais simples, porém cantante.

A partir dessa atividade, selecionamos também poesias e poemas do dia das mães, para ensaiarmos junto as crianças e professoras. Cabe esclarecer que essas já começaram a ser executado esse ano, mesmo no período de greve a diretora ensaiava com as crianças da turma, explorando bem o conceito de oralidade, ora ela lia para as crianças e solicitava que as mesmas repetissem o que aconteceu durante um bom período.

Quando a escola retornou às suas atividades normais, retomaram-se as propostas e a programação para apresentação do recital, que incluía um passeio pela floresta da poesia, nela vários personagens de literatura infantil apareceriam e contariam em versos poemas e poesias de fácil compreensão e apreciação.

A culminância do plano de ação foi interligada à oportunidade de apresentá-lo também a comunidade escolar (professoras, alunos e pais de alunos), cabe

esclarecer ainda que a diretora também aluna do LASEB participou efetivamente do projeto, pois fazia parte do seu Plano de Ação 2012.

Algumas crianças da turma de quatro e cinco anos, as menos tímidas, apresentaram alguns versos pequenos sugeridos pela nossa diretora que recorreu a algumas sugestões de Neusa Sorrenti do livro “A poesia vai à escola”. Na apresentação as crianças vestiram-se de personagens infantis conhecidos na literatura infantil como: Branca de Neve, Cinderela, a fada Sininho, os príncipes e outros. Ao recitarem os versos cantados, foram arrancados dos presentes ali, lágrimas e sorrisos. Uma experiência impar.

8- COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES REALIZADAS

Quando escolhemos esse tema para desenvolvermos o plano de ação realmente imaginei que seria tranquilo, mas nos deparamos com intempéries que não imaginávamos como, por exemplo, o fator tempo. Por ter escolhido uma turma que não era a minha turma, a programação nem sempre podia ser cumprida naquele dia e hora que se adaptava ao meu horário de projeto. Mas durante a execução da primeira etapa do processo foi além de prazerosa, foi de descoberta. Porque mesmo sendo uma história que agradava a maioria das crianças, algumas não sentiam mais admiração pela mesma. Outro fato que preocupou no início do processo foi a aquisição da literatura de cordel para contos infantis. Há alguns títulos clássicos da literatura infantil em cordel, mas a disponibilidade dos mesmos nem sempre era de fácil aquisição. Não eram encontradas em livrarias comuns, apenas as virtuais que mesmo assim não havia em estoque disponível. Então adquirimos os tradicionais e de fácil acesso. Por isso, adaptamos ainda que precários alguns poemas.

Durante a segunda etapa e terceira etapa que foram a efetivação dos estudos e a concretização das leituras e ensaios, houve a maior realização pessoal e profissional, primeiro porque pude perceber claramente uma maior desenvoltura das crianças em relação a contação de histórias, mais atentos ao ouvir, e um aumento significativo do vocabulário, inclusive ao pronunciar corretamente algumas palavras. Com certeza um dos vieses da proposta do letramento aconteceu.

9- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esse trabalho foi um desafio, que além de arriscado também foi prazeroso, pois, perceber que novas possibilidades de contar histórias atraem mais a atenção das crianças, não é preciso muita interrupção para continuar a contação. Durante o processo, registramos que as crianças ao folhear os livros tentavam recontar as histórias do seu jeito, outra situação foi observar a mudança de voz e até mesmo entonação. Registrou-se também a melhora circunstancial nos desenhos.

O envolvimento das professoras, colegas de trabalho do mesmo turno que trouxeram material para enriquecer o nosso trabalho. Pesquisas na internet ou até mesmo livros didáticos falando sobre o tema.

Mas, percebemos que o trabalho apresentou falhas, como por exemplo a falta de um cronograma mais elaborado sujeito a imprevistos. Outro agravante foi a confiança de que era um tema tranquilo de se estudar e aplicar, todavia ele exigiu muito mais do que foi atribuído a ele, ou seja, trabalhou-se pouco num tema tão rico e de um leque de atividades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** assumindo a dimensão interacional da linguagem. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BELO HORIZONTE, SMED (Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte). Desafios de Formação. **Proposições Curriculares para a Rede Municipal de Educação.** Educação Infantil - Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH. Belo Horizonte: SMED, 2009.

BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso.** Contagem: Oficina Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P.da Silva (org). **Educação pra que te quero?** - Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel:** Leitores e ouvintes. – 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Maria Silva Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

PARADISO, Shirley. **Cartilha com rima.** Site Educar para Crescer. Publicado em outubro de 2009. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/cordel>> Acesso em 10 mar. 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola:** Uma perspectiva Social. São Paulo: Ática, 1989.

_____, REVISTA DA EDUCAÇÃO. **Guia da Alfabetização**. São Paulo: Editora Segmento, n 2. 2011. p.90.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

ANEXO - Fotos do trabalho realizado



FIGURA 1 – As meninas protagonistas



FIGURA 2 – A diretora e as protagonistas do recital de poesia.



FIGURA 3 – O cordel do chapeuzinho e seu lobo



FIGURA 4 – Finalização do cordel – Dia das Mães